

UMA CONVERSA NA SALA DOS PROFESSORES: AS VOZES SOCIAIS PRESENTE NOS DISCURSOS DOS PROFESSORES DA ESCOLA NORMAL PROF. MARIETA MEDEIROS

Danielle Gomes Do Nascimento (UFPB)
danielllegy@yahoo.com.br

Resumo

A linguística aplicada tem se preocupado, cada vez mais com fazer docente, e a linguagem do professor se torna essencial para compreender vários fenômenos como as ações da prática pedagógica, a relação intrapessoal-interpessoal e os conflitos gerados no ambiente escolar. Nessa perspectiva, o Interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) e a Clínica da Atividade passam a reconhecer a necessidade de ouvir o trabalhador, dar voz ao profissional que muitas vezes se cala diante de situações conflitantes geradas consigo mesmo e pelo outro (a instituição, colegas de trabalho, as ferramentas de trabalho). A integração dessas duas correntes focam mudanças atitudinais enquanto profissional, gerando a tomada de consciência do seu papel no local de trabalho e a prática profissional passa a ser reconfigurada. O artigo tem como objetivo perceber, nos discursos dos professores, as vozes enunciativas que permeiam o universo de trabalho, mais especificamente a sala dos professores, já que as vozes marcadas no discurso dos professores ajudam a compreender alguns aspectos que circundam o trabalho e a realidade social de cada professor. No que concerne aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois parte do conhecimento empírico para uma análise teórica, sendo de fundamental importância o fator linguístico e social. A pesquisa foi realizada na cidade de Itabaiana, na Escola Normal Municipal Profª Marieta Medeiros, por meio de gravação de som. Para a análise foi escolhida uma conversa entre três professores, ocorrida numa quinta-feira. As três pessoas são da cidade de Itabaiana. Em relação aos aportes teóricos, o embasamento estará voltado para autores relacionados ao ISD, mais especificamente Bronckart (2006, 2007, 2009), Machado (2009), Medrado (2011); e a Clínica da Atividade proposto por Yves Clot (1995) e Daniel Faita (1995, 2002), além de autores que compartilham e reconhecem a importância das relações sociais e interacionais na língua. Sobre a estrutura desse artigo, há dois tópicos; o primeiro apresenta uma breve explanação acerca dos novos contextos da Linguística Aplicada e o segundo estará voltado para a análise e a percepção das diferentes vozes que permeiam o discurso dos professores.

Palavras-chave: conversa de professores, ambiente dos professores, vozes sociais.

INTRODUÇÃO

A complexidade e a singularidade do trabalho docente têm sido nas últimas décadas alvo de pesquisas no campo da Linguística Aplicada (doravante LA). Com isso, novos caminhos e perspectivas vêm sendo trilhados, permitindo que outras áreas do conhecimento forneçam subsídios para pensar a linguagem do professor e o seu fazer pedagógico.

Assim, a linguagem do professor se torna essencial para compreender vários fenômenos como as ações da prática pedagógica, a relação intrapessoal-interpessoal e os conflitos causados pelo fazer docente. Nessa perspectiva, o Interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) e a Clínica da Atividade passam a reconhecer a necessidade de ouvir o trabalhador, dar voz ao profissional que muitas vezes se cala diante de situações conflitantes geradas consigo mesmo e pelo outro (a instituição, colegas de trabalho, as ferramentas de trabalho). A integração dessas duas correntes focam mudanças atitudinais enquanto profissional, gerando a tomada de consciência do seu papel no local de trabalho, de maneira que a prática profissional passa a ser reconfigurada. Com isso, o ponto de partida é a

linguagem. A voz do profissional passa a ter grande importância nessa perspectiva. Sobre a voz do profissional, Lacoste (1995) evidencia:

Longe de ser apenas um artifício do pesquisador que impõe esse tema aos operadores, a fala sobre o trabalho é às vezes motivada de seu próprio interior, por exigências da equipe ou da empresa: entre colegas, evoca-se o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar, ou por mil razões surgidas no momento. (LACOSTE 1995, p. 24 apud NOURODINE 2002; p. 25)

Segundo o autor a fala sobre o trabalho é motivada por diversos motivos, e que por sua vez contempla finalidades que dependem do contexto social e histórico.

Pensando nisso, buscou-se em desenvolver um artigo que expusesse alguns posicionamentos do agir docente por meio de uma conversa na sala dos professores¹. O artigo tem como objetivo perceber, nos discursos dos professores, as vozes enunciativas que permeiam o universo de trabalho, já que as vozes marcadas no discurso dos professores ajudam a compreender alguns aspectos que circundam o trabalho e a realidade social de cada professor.

No que concerne aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois parte do conhecimento empírico para uma análise teórica, sendo de fundamental importância o fator linguístico e social. Para Chizzoti (2006, p. 144) o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse domínio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

A pesquisa foi realizada na cidade de Itabaiana, na Escola Normal Municipal Profª Marieta Medeiros, por meio de gravação em áudio. Para a pesquisa pensou-se em lugar e momento que houvesse encontros de professores, de maneira que eles conversassem e interagissem entre si. O lugar escolhido foi a sala dos professores. A gravação foi marcada com antecedência, solicitando à direção da escola autorização para a gravação. A direção, juntamente com os professores, permitiu a gravação da conversa. Foram cinco dias de gravação, de segunda a sexta-feira, e em cada dia foram gravadas duas conversas, totalizando, dez diálogos entre professores. Para a análise foi escolhida o diálogo que envolve entre três professores, ocorrida numa quinta-feira. As três pessoas são da cidade de Itabaiana. A justificativa para a escolha foi a forma como os professores conduziram o diálogo, além do conteúdo temático abordado apresentar marcas evidentes de vozes sociais.

Em relação aos aportes teóricos, o embasamento estará voltado para autores relacionados ao ISD, mais especificamente Bronckart (2006, 2007, 2009), Machado (2009), Medrado (2011); e a Clínica da Atividade proposto por Yves Clot (1995) e Daniel Faita (1995, 2002), além de autores que compartilham e reconhecem a importância das relações sociais e interacionais na língua. Sobre a estrutura desse artigo, há dois tópicos; o primeiro apresenta uma breve explanação acerca dos novos contextos da Linguística Aplicada e o segundo estará voltado para a análise e a percepção das diferentes vozes que permeiam o discurso dos professores.

1. A linguística aplicada em novos contextos: breves considerações

¹ Gostaria de enfatizar que foi feito um artigo utilizando a mesma conversa dos professores da escola Normal Marieta Medeiros/Itabaiana-PB, embora com uma abordagem diferente da que se está propondo neste artigo, voltado para a percepção das ações de linguagem dos professores no ambiente dos professores e as marcas sociosubjetivas.

A Linguística Aplicada passa por um processo de mudanças de paradigmas, se comparada à proposta inicial que se limitava a aplicação das concepções teórico-metodológicas baseadas no estudo da língua estrangeira. A abrangência da LA, segundo Moita Lopes (2006, p. 90) “envolve crucialmente um processo de remarcação ou redescritção da vida social”. Para o autor, o campo da LA está localizado nas Ciências Sociais e não apenas no campo de estudos específicos da linguagem, o que permite situar o objeto de pesquisa nas fronteiras das diferentes áreas de investigação. Nessa perspectiva, o autor afirma: “Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc”. Percebe-se assim, que a LA vai além de uma disciplina curricular, pois abarca diferentes áreas do conhecimento, reconhecendo o sujeito como um todo.

Esse novo posicionamento da LA está situado numa proposta teórico-metodológica que passou a ser difundida amplamente pelo Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), desenvolvido pelo grupo genebrino, em especial Bronckart. O ISD se constitui num contexto multidisciplinar, integrando linguística (Saussure, Bakhtin e o círculo), psicologia (Vigotsky, Leontiev) e sociologia (Habermas, Ricoeur, Spinoza); áreas que reconhecem a ciência do humano, conforme afirma Bronckart (2006, p. 10):

O ISD aceita todos os princípios fundadores do interacionismo social e contesta, portanto a divisão atual das ciências Humanas/Sociais: nesse sentido, não é uma corrente *linguística* nem uma corrente *psicológica* ou *sociológica*; ele quer ser visto como uma corrente **da** ciência do humano.

Ao contestar a fragmentação das pesquisas nas ciências Humanas/Sociais, o autor defende a integração das áreas citadas, de maneira que as pesquisas possam ser estudadas observando em seus vários aspectos; reconhecendo a linguagem nesse processo: “A especificidade do ISD é a de postular que o problema da linguagem é absolutamente central ou decisivo para essa ciência do humano” (BRONCKART 2006, p.10). Tal afirmação é justificada mais adiante ao apresentar sucintamente a proposta do ISD:

O ISD visa, portanto, a demonstrar esse papel central da linguagem no conjunto dos aspectos do desenvolvimento humano e, portanto, o seu papel central nas orientações explicitamente dadas para esse desenvolvimento pelas mediações educativas e/ou formativas. Portanto, temos um projeto que vai além da linguística e que é de uma ciência integrada do humano, centrada na dinâmica formadora das práticas da linguagem. (BRONCKART 2007, p. 20)

Para o autor, a linguagem é o fio condutor da “ciência do humano”, tendo um papel central no desenvolvimento das mediações educativas/formativas. É pela linguagem, portanto, que o indivíduo se posiciona no mundo e se constitui enquanto ser humano. O autor conclui que o ISD é uma proposta que vai além da Linguística, pois tem uma visão integrada do sujeito que se apropria da linguagem para agir consciente no mundo e transformar o meio de que faz parte.

Machado & Guimarães (2009, p.30) apresentam o direcionamento que linguistas aplicados, mais especificamente os pesquisadores do Grupo ALTER, tem se guiado:

Eles tem tido como ponto comum, o foco na análise de textos dos mais variados, buscando compreender o funcionamento dos diferentes níveis de textualidade e de suas relações com o contexto, com o agir e com o

desenvolvimento de diferentes dimensões das pessoas, assim como um forte compromisso de ordem científica e social.

A partir dessa ampla visão de estudos, as autoras apontam dois tipos de questões que têm sido focados nas pesquisas: “a *primeira* diz respeito à ordem didática, visando trazer aportes para a formação e desenvolvimento de crianças, jovens e adultos interferindo diretamente nos processos educacionais formais e a *segunda* questão tem se debruçado sobre a reconfiguração do agir humano nos e pelos textos e, mais especificamente, do agir implicado no trabalho docente”. Percebe-se assim, que os linguistas aplicados interacionistas sociodiscursivos focam dois grandes blocos de pesquisas, cujos aparatos teóricos estão diretamente relacionados à linguagem, manifestadas práticas sociais, culturais e ideológicas dos sujeitos.

No que se refere à segunda questão que trata do agir humano/docente, a LA tem demonstrado bastante interesse às pesquisas no sentido de aprofundar os princípios teóricos à criação de novos procedimentos de pesquisas. Nessa perspectiva o ISD vai buscar apoio teórico-metodológico na Clínica da atividade, corrente da psicologia do trabalho, propostos inicialmente por Yves Clot (1995) e Daniel Faïta (1995, 2002) que se caracteriza em definir a atividade de trabalho como fonte permanente da recriação de formas de viver. Para a clínica da atividade, o trabalho apresenta uma dimensão coletiva. Segundo Miguel Maia (2006, p. 30-31), “Toda atividade de trabalho pode ser entendida como um encontro entre corpos, atravessamentos múltiplos que se agenciam, se interconectam, demandando escolhas e decisões e, portanto, tornando todo trabalho uma atividade de criação” (MAIA 2006, apud SILVA, BARROS E LOUZADA 2011, p. 194).

No amplo campo de pesquisas sobre Trabalho, surge o interesse em compreender o trabalho educacional de forma mais ampla, já que historicamente, a concepção de trabalho estava restrita e vinculada às bases marxistas. Segundo Machado (2009, p.81-82):

De um lado, o ponto de vista histórico, a própria origem da atividade educacional e do seu desenvolvimento, permitiu que ela, durante muito tempo, fosse vista como “missão”, “sacerdócio”, dificultando a atribuição de um sentido profissional a ela. De outro lado, a própria concepção de trabalho oriunda do marxismo afastava as pesquisas sobre o trabalho do campo intelectual em geral e do educacional, em particular.

No que se refere à relação trabalho/linguagem, Nouroudine (2002) cita três modalidades distintivas, desenvolvida por Michele Lacoste (1995): a “linguagem sobre o trabalho”, a “linguagem no trabalho”, e a “linguagem como trabalho”. Os três aspectos da linguagem estão em estreita ligação com as práticas languageiras na situação de trabalho considerada de maneira global; porém, para cada um deles apresenta problemas de ordem prática e epistemológica. Relacionando as modalidades de linguagem, o artigo apresenta conversas que se referem à linguagem no trabalho e sobre trabalho, uma vez que as conversas aconteceram na sala dos professores, tendo como conteúdo temático assuntos relacionados à prática docente.

Assim, a LA, aliada às bases teóricas da ciência do trabalho e ao ISD que tem a linguagem como elemento primordial no agir humano, propõe um reordenamento na maneira de pensar e de agir do professor e do trabalhador de um modo geral. Ao próximo tópico cabe analisar, por meio da linguagem dos docentes, as vozes enunciativas que ficam evidentes nos discursos do grupo em local de trabalho.

2. As vozes enunciativas implícitas nos discursos dos professores

De acordo com o que foi exposto no primeiro tópico, o ISD defende que as ações humanas se constituem em contextos sociais e históricos e que é pela linguagem que essas ações se concretizam. O trabalho docente é uma dessas ações. Para Medrado (2011, p. 27), “analisar o trabalho docente a partir de uma perspectiva discursiva significa, sobretudo, compreender que a linguagem tem um papel fundador nas práticas sociais”. Vale salientar que o meio social interfere diretamente nos discursos e nos posicionamentos dos profissionais, influenciando a construção e desenvolvimento dos conteúdos temáticos.

Em relação ao conteúdo temático, a conversa gerou três assuntos importantes: o piso salarial, a priorização de alguns professores pela escola particular e um posicionamento pessoal da professora (R) acerca de sua vida profissional.

A conversa inicia quando o professor (F) chega à sala dos professores. Lá, estão os professores (I) e (R). O dia da gravação coincidiu com o dia de pagamento dos proventos aos professores dessa escola municipal. O primeiro conteúdo temático é motivador, pois além de causar discussões acerca dos proventos geraram os dois assuntos subsequentes.

Em relação ao primeiro conteúdo temático, os três professores chegaram à sala dos professores questionando sobre o piso salarial, tema introdutório da conversa, uma vez que um deles (I) percebeu que seu provento estava inferior ao que havia recebido no mês anterior. O professor (F) informa que aconteceram algumas mudanças na tabela proposta pelo gestor municipal. Pega a calculadora e começa a fazer os cálculos para comprovar sua afirmação acerca das mudanças nos salários dos professores. Vejamos o início da conversa:

F: **Eu** vou mostrar a você que tá certo agora. Vou mostrar agora, vamos fazer os cálculos. Vou mostrar a você.

I: borá, bora

F: Vou mostrar agora.

D: Agora...

I: o piso de 30hs é 1.365

F: Para aí. Vou mostrar que tá certo. Vamos lá. Olhe pra cá. Calculadora. Vou mostrar que tá certo. 1.567, isso aqui é o piso nacional, né, do MEC para 40hs. **A gente dá 30(h)**, né assim, dividido por 40, né 40 hs, multiplicado por 30, que agente dá 30, igual a 1.175.

Todos escutam atentamente o professor (F) explicar o que aconteceu com a diferença salarial do professor (I), já que ambos se encontram no estágio probatório.

Durante toda a conversa, o fazer docente passa a ser observado, interpretado e conduzido por meio da linguagem, dos textos/discursos, e das vozes enunciadas. Segundo Machado e Bronckart (2009) apud Medrado (2011, p. 29):

podemos ter acesso ao agir através dos discursos e vozes daqueles que executam o trabalho. Sendo assim, nossas ações no mundo são sempre tematizadas e textualizadas, mas não como uma representação direta do que vivemos, mas como uma reconfiguração do mundo ordinário.

Nesse aspecto, como o professor (F) ensina a disciplina de matemática, há uma grande preocupação em justificar a diferença salarial usando a calculadora como ferramenta. Mesmo estando com colegas de trabalho, (F) se apropria de sua função para explicar em percentuais, as mudanças ocorridas. Em seu discurso, predomina *a voz do autor*, marcado pelos pronomes **eu** e **a gente** (*nós - os professores*), na primeira pessoa. Vale salientar que o professor se assume enquanto grupo daquela instituição ao utilizar o termo “*a gente*”. Nesse aspecto, a voz do professor é *socialmente* reconhecida, pois representa o grupo de professores.

Ao avaliar os posicionamentos discursivos dos docentes por meio das vozes enunciadas, os professores passam a assumir a responsabilidade daquilo que afirmam, julgam ou creem. Sobre as vozes enunciadas, Bronckart (1999, p. 326) define:

As vozes podem ser definidas como as entidades que assumem (ou as quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado. Na maioria dos casos, é a instância geral de enunciação que assume diretamente a responsabilidade do dizer. Essa voz, que se poderia chamar de neutra (...)

Bronckart define as vozes como entidades, ou seja, são representações que assumem a reponsabilidade daquilo que é dito. Essa voz pode ser “neutra”, enquanto instância geral de enunciação e pode assumir outras instâncias que podem ser reagrupadas em três categorias gerais: vozes de personagens, vozes de instâncias sociais e voz do autor empírico do texto. *A primeira* diz respeito às vozes procedentes de seres humanos ou entidades humanizadas, implicados na qualidade de agentes, nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático de um segmento de texto. *A segunda* refere-se a personagens, grupos ou instituições que não intervêm como agentes no percurso temático, mas que são mencionados como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo. *E a terceira* procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual, intervindo para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado (BRONCKART 1999, p.327).

A percepção das vozes enunciativas nos textos/discursos dos professores se torna importante, pois é possível perceber marcas sociais e subjetivas, além da reponsabilidade que os autores/enunciadores assumem ao se posicionar.

No decorrer da conversa, há um momento em que o professor (F) remete aos antigos, e a professora (R) se manifesta:

R: E isso que eu vou descobrir amanhã, **os meus antigos**(...). Segunda-feira eu **canto de galo** (risos) (...) **eu tenho, eu tenho sexta parte**.

Como a professora (R) já está perto de se aposentar, a mesma intervém no discurso informando aos interactantes que vai se informar sobre essas mudanças salariais. Em seu discurso, também predomina a *voz do autor empírico*, marcado em primeira pessoa. A mesma demonstra “ser antiga” por meios de algumas expressões como “os meus antigos”, “eu tenho, eu tenho sexta parte”. Essas expressões se referem aos seus direitos adquiridos no decorrer dos anos, havendo um sentimento de posse sobre esses direitos. E para comprovar a sua posição hierárquica sobre os funcionários responsáveis à solução do problema salarial, já que têm muitos anos de profissão, a mesma ironiza com a expressão “segunda-feira eu canto de galo (risos)”. A expressão utilizada anuncia que suas ideias deverão sobrepor sobre os funcionários da prefeitura, além de se apropriar de uma expressão bastante utilizada no nordeste e na região itabaianense.

O que é relevante também no decorrer da conversa é o posicionamento crítico do professor (I) acerca da atitude do prefeito ao promover o pagamento do piso salarial ao corpo docente. O professor (I) assevera:

I: Uma nova **tabelinha** aí.

[truncado]

(I): No silencio da noite, fizeram uma tabela. O pessoal sem saber. Olha, eu acho uma coisa assim: **você não quer pagar uma coisa, não vá para uma igreja, não faça uma reunião pra dizer que tá pagando**. Tivesse dito: não, eu vou dar um aumento de 100, 00 a todo mundo, tava todo mundo feliz. Mas o “caba” mostrar uma tabela e agora puxar o tapete duas vezes.

De acordo com o posicionamento do professor (I), o prefeito decidiu reajustar o salário dos professores, indo a público (igreja, reuniões, mídia) apresentar a tabela referente aos proventos, se comprometendo com a atualização salarial. No inicio do seu discurso, o professor utiliza a palavra “tabela” no diminutivo, no sentido pejorativo, uma vez que os valores da tabela proposta não corresponderam aos proventos do professor. Segundo o professor (I) a tabela foi elaborada sem que houvesse a prévia avaliação da classe docente, “No silencio da noite, fizeram uma tabela”.

Seu discurso é marcado por *vozes do autor*, aquela em que o professor assume ser responsável pelo seu discurso “eu acho uma coisa assim” e a voz que não quer se comprometer, pois não sabe quem foi que fez a tabela – uso de sujeito indeterminado “fizeram uma tabela”. Ao continuar seu discurso, o professor usa o pronome de tratamento **você** se dirigindo aos colegas, mas se referindo ao prefeito. Essa estratégia discursiva é muito utilizada quando queremos se referir ao outro indiretamente. Assim, o enunciador dá sua opinião sobre a forma como foi organizada a tabela, implicando dizer que o prefeito prometeu algo e não cumpriu. Nesse discurso, a marca da oralidade é exposta pelo regionalismo “caba”, expressão bastante forte no interior do nordeste. Vale salientar que o professor (I) é natural do sertão paraibano, cuja escolha lexical é justificada pela relação da linguagem com o meio social.

No decorrer da conversa, o professor informa sobre o acesso ao blog local “Itabaiana Hoje e Região”, e diz:

I: **Eu sou crítico**, eu sou crítico demais. **Aí eu abro o Itabaiana hoje, aí tem uma notícia**: que o prefeito deu um, um é é aumento de 41% no salário dos professores. Os mesmos recebiam 856,00.

I: Desde que eu entrei, eu nunca recebi isso.

F: **A gente** era 1.000 e pouco.

I: oitocentos e sessenta e três, quarenta e três, tá lá. **Nota do sindicato**. Meu primeiro salário no município foi mil e sessenta. Foi mil e sessenta.

Para (I), ser crítico está relacionado ao valor de verdade, pois viu no site uma informação que não correspondeu aos fatos. A expressão “eu sou”, também marca a *voz do autor*, pois assume responsabilidade sobre suas ações, ou seja, suas palavras “eu sou crítico” é correspondente à ação de constatar no site a falta de veracidade na informação “Aí eu abro o Itabaiana hoje, aí tem uma notícia”. Por isso, ele diz ser crítico e comprova com atitudes, havendo erro na notícia. Para o professor, a informação não foi verdadeira, o que lhe deixou extremamente angustiado. Segundo o professor, essa informação teria sido publicada pelo sindicato em nota oficial. No mesmo discurso, usa o termo “a gente”, voz que se inclui no grupo de professores.

A nota do sindicado, assim como conversas da representante do sindicato com o professor (I) provocou no professor (F) uma revolta, o que o deixou desacreditado em relação às ações do sindicato. Confira:

I: Aí eu tava conversando com Patrícia. Aí patrícia: Não é porque o município paga o piso menor do que o estado. Eita véi. Então...então eu já não entendo mais o que Patrícia está querendo

F: Na verdade, na verdade **esse povo** não entende é nada. A verdade é essa. Ninguém entende é nada. Fala muita besteira e não sabe de nada. Pronto, a conversa é essa.

Para o professor (F) o sindicato não representa os professores de Itabaiana como deveria, uma vez que as informações são incompletas, incoerentes e falhas. Nesse caso, para se referir ao sindicato, utiliza expressões como “esse povo”, “ninguém”. Como há intimidade entre o grupo, o professor se vale de expressões corriqueiras para se referir ao sindicato “Fala muita besteira e não sabe de nada”, através de uma linguagem informal.

O assunto do piso salarial vai desencadear outro assunto, que diz respeito à sobreposição de prioridades pela escola particular em detrimento às escolas públicas, conforme expresso abaixo:

R: aí é assim ó, os profissionais da educação pública, em especial o dia Itabaiana, assim, do estado e municipal.

Para o particular tudo.

D: É uma diferença muito grande.

R: **Para o público, nada**. Então **a gente** tem professor lá que ensina no particular, mesmo dia de folga, o dia do planejamento lá é o mesmo dia da folga dos professores da escola particular, mas não vão, porque é o planejamento da escola pública, mas no particular trabalha de domingo a domingo, em casa, certo.

R: Trabalha de domingo a domingo.

[...] I: sem contar que eu trabalhei no colégio particular e eu sei a realidade de lá. **O estado paga muito, muito melhor do que o colégio particular.**

R: Com certeza. Oh é, num reclamo assim, num falo da escola não porque eu ensinei **lá** quatro anos. **Agora que em termos de vantagem, em termo salarial, lá num existe.**

R: **Você tem uma renda a mais, pra você fazer uma coisa extra**, com o salário de lá. Agora, que lhe dá condições de sobrevivência, **deixa o estado pra tu vê um coisa, se tu sobrevive com o salário de lá.**

R: Sobrevive uma cebola, que tu sobrevive.(...) **Se faço** um projeto para viajar, vai um professor e envolve três áreas diferentes, ou três disciplinas diferentes. **Você** num vai porque eu ensino na escola num sei aonde, num posso. **Mas quando é para o estado**, se ausenta uma semana, quinze dias e num dá satisfação **e acha ruim quando a direção manda uma falta.** Assim não.

Nesse discurso a questão salarial é retomada, agora comparando as escolas particulares. Para os professores envolvidos na conversa, mais especificamente a professora (R), os colegas se dedicam mais à escola particular do que a escola pública, conforme as expressões “Para o particular **tudo**”, “Para o público, **nada**”. A professora atesta em seu discurso, a disparidade entre as instituições público-particular. Segundo (R), os professores estão sempre presente na escola particular, participando de planejamento, treinamentos, sendo assíduos nas aulas, enquanto na escola pública os professores são omissos e ausentes nas atividades escolares. Em seu discurso predominam as *vozes sociais*. Expressões como “Então **a gente** tem professor lá que ensina no particular...”, “Se faço um projeto para viajar, vai um professor e envolve três áreas diferentes, ou três disciplinas diferentes”. O discurso da professora representa a voz do Estado, a voz da instituição ao qual faz parte. Em seu discurso estão implícitas prescrições como planejamento, projetos, assiduidade, ações necessárias à prática docente que muitas vezes é negligenciada pela equipe. Vale salientar que seu discurso gera conflitos já que, a todo o momento, se considera responsável e compromissada com a prática pedagógica e, no entanto, não é compatível com os colegas de trabalho.

No seu discurso, é constante o uso do advérbio “lá” para indicar o lugar e se referir as escolas. A professora (R) utiliza diversas vezes o advérbio de lugar, ora para se referir à escola pública “Então a gente tem professor **lá** que ensina no particular” ora para se referir à escola particular “Com certeza. Oh é, num reclamo assim, num falo da escola não porque eu ensinei **lá** quatro anos”. A enunciadora aponta em seu discurso que por mais que a escola particular exija compromisso com a prática educativa, não garante remunerações suficientes à sobrevivência, conforme afirma “Agora, que lhe dá condições de sobrevivência, deixa o estado pra tu vê um coisa, se tu sobrevive com o salário de **lá**.”

A falta de compromisso na escola pública é realmente, para a professora (R) um ponto sempre enfatizado, já que para ela, a escola pública remunera melhor que a particular e, no entanto, não há tanta dedicação quanto naquela. Como é diretora da escola pública estadual ao qual se refere, a professora deixa evidente através de seu discurso:

R: **Se faço** um projeto para viajar, vai um professor e envolve três áreas diferentes, ou três disciplinas diferentes. Você num vai porque eu ensino na escola num sei aonde, num posso. Mas quando é para o estado, se ausenta uma semana, quinze dias e num dá satisfação **e acha** ruim quando a direção manda uma falta. **Assim não!**

Nesse discurso, a professora faz uso da *voz do autor* “Se faço”, capaz de atestar sua afirmação acerca das atividades pedagógicas que promove na escola. Por outro lado faz uso da *voz social* com uma carga valorativa diante da instituição. Na expressão “e acha ruim quando a **direção** manda uma falta”, também contém uma *voz social* por se posicionar enquanto instituição, uma vez que é responsável pelo o bom andamento da escola, além do controle da frequência dos professores. Como está imbuída do papel social que exerce, enquanto diretora defende a atitude tomada pela direção diante do professor faltoso. Com isso, na condição de diretora, sua subjetividade, *a voz do autor*, é extravasada por vozes sociais ao expor experiências e situações vivenciadas nessa função, cujos ideais de profissionalismo são divergentes de alguns profissionais com quem trabalha.

Ela termina seu discurso extravasando: “Assim não!”, um desabafo contra a falta de comprometimento de alguns professores que se negam a assumir papel docente. De acordo com Silva e Louzada (2001):

As pesquisas desenvolvidas sustentam o paradoxo desunião-cooperação e compõe um coletivo que pensa seu modo de produção passando pelos conflitos que estão em jogo nas relações que, frequentemente, marcam os modos de trabalhar na academia (SILVA, BARROS E LOUZADA 2001, p.203).

As autoras apontam os conflitos nas relações de trabalho como uma constante que compõe o coletivo. E essa marca perpassa todo o dizer da professora.

A conversa finaliza com um desabafo da professora (R) acerca de sua vida profissional, na qual dedicou parte de sua vida em escola pública. Vejamos:

R: ...Foi na municipal, foi **lá** que me deu toda a estrutura de vida. Comecei no estado anos, quase dez anos depois. E é **lá** que eu criei raízes, foi nas duas escolas públicas, foi nenhuma particular não. E cheguei onde cheguei, e tenho o que tenho graças a Deus e agradeço a ele cada dia por eu ter. **Então eu trato bem meu aluno, eu sou responsável, na minha escola participo de tudo que tiver na escola eu estou de dentro, dou ideia, faço isso.** Aí eu vejo outro, nem dá ideia não participa de porcaria nenhuma.

A profissional defende a escola pública como base para todo seu desenvolvimento intelectual, além de ter dado condições financeiras para que pudesse estruturar-se na vida. Enfatiza que começou ensinando na escola municipal e depois foi ensinar na escola estadual. Mas foi na escola municipal que “criou raízes”, ou seja, se desenvolveu profissionalmente, adquiriu experiências, enfim, contribuiu para promover sua carreira docente. Em relação ao ofício, Clot (2008^a, p. 258, apud Silva, Barros e Louzada, 2011, p. 195) defende ser pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal.

O ofício se constitui como conflito, processo e só pode ser observado em seu constante movimento, é o embate entre essas diferentes dimensões que permite seu desenvolvimento, mantendo-o vivo. Ele é pessoal e interpessoal nas trocas que se dão em cada situação singular de trabalho coletivo. Ele é transpessoal no que diz respeito ao coletivo de trabalho, já que a atividade individual e coletiva é atravessada por uma história genérica que está disponível para muitos sujeitos que são também, em maior e menor, responsáveis por ela. Por fim, o ofício é impessoal no que diz respeito à tarefa. A dimensão impessoal da tarefa é, na arquitetura do ofício, a mais descontextualizada (p. 195).

O posicionamento das autoras dialoga com o discurso da professora ao expor os benefícios que a profissão lhe trouxe. Vale salientar que a professora (R) faz uso do advérbio “lá” para se referir à escola municipal, indicando o lugar onde começou sua vida profissional.

A professora continua o discurso priorizando a escola pública, a qualidade no ensino, e para isso, valoriza o aluno, participa das atividades escolares, dá ideias, enfim, contribui para o bom andamento da instituição, se valendo assim de vozes sociais.

Em relação ao termo “na minha escola” comprova mais uma vez que a voz do autor também está imbuída da *voz social*, já que a professora se considera parte integrante daquela instituição, de maneira a assumir responsabilidade sobre o lugar onde trabalha. Ao assumir responsabilidades, a educadora passa a repreender aqueles que não compartilham da mesma ideologia, trazendo à tona expressões que exprimem revolta, indignação, como está explícito na expressão “Aí eu vejo outro, nem dá ideia não participa de porcaria nenhuma”.

De acordo com a professora, esses profissionais não comprometidos, são capazes de criticar o sindicato e o governo, exigindo melhores condições de trabalho, melhores salários, enfim, exigem direitos sem cumprir com seus deveres. Para ela, esses profissionais, “o outro”, recebem acima do valor, pois não se propõem a cumprir com suas obrigações, suas responsabilidades. Conforme afirma abaixo:

R: ainda tem a ousadia de criticar porque o sindicato é assim, o sindicato é assado, porque o governador é assim. Pra aquilo que se propõe a fazer o governador paga muitíssimo bem.

Nesse discurso, embora fale em 3ª pessoa (aparentemente neutra), por outro lado, há uma *voz social* implícita, pois de acordo com sua “posição social” tem a função de prescrever, direcionar e seguir diretrizes que são impostas pela esfera maior, o governo do estado. A professora deixa claro que os professores não engajados na prática educacional cobram do governo aumento salarial, cuja preocupação é a sua sobrevivência, os benefícios próprios, esquecendo-se de exigir melhores condições de trabalho que venha favorecer o desenvolvimento intelectual do aluno, ou algum aspecto relacionado à prática docente que não seja apenas no que diz respeito à questão salarial.

Enfim, a professora deixa evidente em seu discurso, marcas subjetivas de comprometimento com a Educação, escola, alunos, sala de aula, cujo ponto de vista dialoga com Bronckart na proposta do ISD. Sobre o trabalho do professor, Bronckart (2006, p. 226) defende:

O que constitui a **profissionalidade de um professor** é a capacidade de pilotar um projeto de ensino predeterminado, negociando permanentemente com as reações, os interesses e as motivações dos alunos, mantendo ou modificando a direção, em função de critérios de avaliação dos quais só ele é o senhor ou o único responsável, isto é, no quadro de ações das quais ele é o único ator. (grifos do autor)

De acordo com essa visão, o trabalho do professor envolve diferentes esferas, se constituindo de forma complexa. O autor apresenta os elementos básicos do trabalho do professor, tendo em mente que o mesmo está inserido numa rede múltipla de relações sociais, materiais, simbólicas e históricas.

Após a discussão sobre o trabalho docente, considera-se o posicionamento da professora (R), um discurso favorável ao que é defendido por Bronckart, e estudiosos do ISD, cuja prática está voltada para mobilização do professor enquanto ser integral, que assume responsabilidades nas diferentes situações de ensino, se preocupando com a aprendizagem, com o desenvolvimento do aluno e com sua postura perante o ofício docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre questões que envolvam o Trabalho, mais especificamente a prática docente, exige que sejam observados inúmeros aspectos, seja psicológico, pedagógico, ou social. Entretanto, o reconhecimento da existência desses fatores só se materializa pelas ações linguageiras. Ações essas que implícitas ou explícitas estão carregadas de valores axiológicos, ideológicos e culturais. Com isso, as vozes ao serem enunciadas não só reproduzem pensamentos, posicionamentos e comportamentos dos enunciadores, mas promovem atos pragmáticos que emitem juízo de valor, sendo capazes de atribuir responsabilidades sobre o que se diz.

Sobre a conversa com os professores da escola Normal Municipal Marieta Medeiros, percebeu-se que a conversa foi motivada por contextos situacionais favoráveis a reflexões sobre o fazer docente. Nessa pesquisa, o interessante foi perceber que os professores aproveitaram o intervalo das aulas para refletirem sobre sua prática, destacando temas que lhe agradam e desagradam, enfim, comentaram e avaliaram a prática docente tendo como ponto de partida o contexto educacional local. Quanto às vozes enunciativas nos discursos, tornou-se mais evidente *a voz do autor*, na medida em que os professores se assumiam enquanto profissionais, e *a voz social*, uma vez que os discursos estavam imbuídos do lugar social de

onde falavam. O mais interessante é que deixaram explícitas, por meio das vozes enunciadas, suas marcas subjetivas, suas concepções educacionais, pedagógicas e normativas. Enfim, a fala tornou-se o fio motivador dos diálogos, gerando mobilização e reflexão sobre o “fazer” e “ser” do agir docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa.

BRONCKART, Jean Paul. Atividades de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano, 2006. Organização e tradução Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores; tradução Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

_____. Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo; Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2 ed. São Paulo. Educ. 2012.

MACHADO, Ana Rachel. Por uma concepção ampliada do professor. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia (orgs.). O interacionismo Sociodiscursivo: questões metodológicas;. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. O Interacionismo Sociodiscursivo. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes e ABREU-TARDELLI, Lília Santos (orgs.). Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

_____. Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação dos professores: primeiro olhar. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes e ABREU-TARDELLI, Lília Santos (orgs.). Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

MEDRADO, Betânia Passos. Compreensão da docência como trabalho: reflexões e pesquisas na/da Linguística Aplicada. In: MEDRADO, B. P. e PERZ, Mariana. Leituras do agir docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva. Campinas: Pontes, 2011.

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. Cecília Perez. FAITA, Daniel (Org.). Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SILVA, C. O; BARROS, M. E. e LOUZADA, A. P.F. Clínica da atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil. In: BENDASSOLLI, P. F. e SOBOLL, L. A. (Orgs.). Clínica do trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA DOS PROFESSORES DA ESCOLA NORMAL MUNICIPAL PROF^a MARIETA MEDEIROS

F: Eu vou mostrar a você que tá certo agora.

F: Vou mostrar agora, vamos fazer os cálculos.

F: Vou mostrar a você.

I: borá, bora

Vou mostrar agora.

D: Agora...

I: o piso de 30hs é 1.365

Para ai

F: Vou mostrar que tá certo. Vamos lá. Olhe pra

cá. Calculadora. Vou mostrar que tá certo. 1.567,

isso aqui é o piso nacional, né, do MEC para 40hs.

Agente dá 30(h), NE assim, dividido por 40, né 40

hs, multiplicado por 30, que agente dá 30, igual a 1.175.

Ai meu Deus

F: Aí vem... A gente tá certo. Agora, a

especialização nossa é que não entra, porque a

gente tá no probatório. O problema é esse.

Entendeu. Tá certo. O da gente tá certo, agora os

antigos, que eu soube que...

R: E isso que eu vou descobrir amanhã, os meus antigos

F: Olha, os antigos que ...

R: segunda-feira eu canto de galo (risos)

F: que tem quinquênio, tem, tem

D: Nenhum, Eu perdi meus quinquênio, babá tirou

F: tem sexta parte. O da minha irmã...

R: eu tenho, eu tenho sexta parte.

F: Quem foi que eu falei hoje. O da minha irmã

veio errado. Falei com A dos recursos humanos. F,

minha irmã tem especialização, o dela veio como graduada. Ela tem especialização. Era pra vir 1480, aí veio 1.346. tá como graduada. Tá errado. Vai ter que consertar isso. O da gente, infelizmente é isso mesmo, infelizmente é isso mesmo. Tá certo. O de F, já com os descontos

F: o bruto, o bruto, no vencimento

F: Porque tu ficou triste, eu também perdi 30,00.

I: não, mas eu pedi para o pessoal do estado calcular 30 hs no atual e o que ele tá oferecendo este ano, no ano passado, ainda era mais do que ele está oferecendo esse ano.

F: por que ele paga bem, o estado

I: aí ele

F: paga mais do que o piso.

I: Aí eu tava conversando com P. Aí P. Não, é porque o município paga o piso menor do que o estado. Eita véi. Então...então eu já não entendo mais o que P está querendo

F: Na verdade, na verdade esse povo não entende é nada. A verdade é essa. Ninguém entende é nada. Fala muita besteira e não sabe de nada. Pronto, a conversa é essa.

R: amanhã eu vejo a minha...

F: o contra-cheque, R, sai no caixa eletrônico.

R: É. Aí ela. Me encontrei com P, aí ela disse, leve o contracheque de abril e de maio. O de maio quando eu vi, já tinha se vencido. Aí é só na prefeitura.

F: agora, agora gente ficou triste.

R: E eu não tive tempo de ir na prefeitura.

F: eu fiquei assim encabulado por que no mês passado, a gente recebeu 1. 292,00.

D: eu vou tirar o contra-cheque, amanhã

F: E agora veio 1.221. ainda tirou 70,00 reais

D: porque

F: mas porque refizeram a tabela. Fizeram uma nova tabela.

I: uma nova tabelinha aí.

F: [truncado]

No silêncio da noite, fizeram uma tabela. O pessoal sem saber. Olha, eu acho uma coisa assim: você não quer pagar uma coisa, não vá para uma igreja, não faça uma reunião pra dizer que tá pagando. Tivesse dito: não, eu vou dar um aumento de 100, 00 a todo mundo, tava todo mundo feliz. Mas o “caba” mostrar uma tabela e agora puxar o tapete duas vezes.

....

D: e tem quantas tabelas?

R: Ah minha filha!

E a mesma é

R: Ahh!

I: já é a terceira

F: Agora já é outra

R: Ah, meu Deus! (RSRS)

I: E cada vez mais diminuindo, sabe, o valor

R: Não é pra aumentar não viu, é pra diminuir

D: (rsrsrs) É mesmo ..

I: O que me irrita é isso, sabia

R: Aí, eu não levei, ah,ah, o meu contra-cheque. Eu não tive tempo de ir na prefeitura, mas segunda...

I: Eu sou crítico, eu sou critico demais. Aí eu abro o Itabaiana hoje, aí tem uma notícia: que o prefeito deu um, um é é aumento de 41% no salário dos professores. Os mesmos recebiam 856,00.

D: a se assim sesse

I: Desde que eu entrei, eu nunca recebi isso.

F: A gente era 1.000 e pouco

I: oitocentos e sessenta e três, quarenta e três, tá lá. Nota do sindicato. Meu primeiro salário no município foi mil e sessenta. Foi mil e sessenta.

(silencio)

R: E o meu, como é, no INSS não vai fechar nem em novecentos.

F: Rapaz, eu vou ali comprar um *neo soro*, se não eu não vou dormir não.

D: Sinusite é,

F: É...o nariz intope e aí o ar ligado, aí eu fico doidinho. Deixa eu ir ali comprar. (sai)

R: Eu quero ir segunda-feira na, no INSS

(silencio)

R: Eu quero ir na PBprev, é dar entrada (interrompe)

I: E AI? Veio um salário e diz que quer vim ensinar no pedagógico. Mas ensinar o que?

D: Sim, não assim. Ela tem o direito de ter um lugar, né, efetivo. Vão ter que encaixar ela em alguma escola.

I: aqui não vai ter mais espaço pra ela.

D: Também não sei se aqui vai ter como.

I: No CAIC tem dois contratados. Mas é de manhã. Ela vai querer.

D: Tem que ser a noite.

(silencio)

D: Todas as escolas que estão em reforma, tá nessa situação? Todas? Os professores estão recebendo só um salário.

I: Tá em reforma, então.

D: Aí tem coisa errada

I: Se tá em reforma, os professores não tem culpa, né. Mas, no caso dela é...

R: Não era para ela perder não.

I: E ela foi convidada a ensinar no CAIC. Ela que num, rejeitou.

D: Foi

I: É ne, porque ela num é do projeto que foi extinto.

D: AH! Mas assim, era pra o município também ter resguardado, né ...ter encaixado ela em algum lugar...

I: Mas ela num foi chamada lá pro CAIC, ele foi quem rejeitou. É aquela situação que eu tava conversando. Sempre a escola pública é escanteada.

R: Claro.

I Sempre deixa pra trás. Aí tá lá dois contratados no município, no CAIC. Todos os professores, os cinco professores aí...

R: aí é assim ó, os profissionais da educação pública, em especial o dia Itabaiana, assim do estado e municipal. Para o particular tudo

D: É uma diferença muito grande

R: Para o publico, nada. Então a gente tem professor lá que ensina no particular, mesmo

dia de folga, o dia do planejamento lá é o mesmo dia da folga dos professores da escola particular, mas não vão, porque é o planejamento da escola pública, mas no particular trabalha de domingo a domingo, em casa, certo.

D: É...

R: Trabalha de domingo a domingo.

D: E todo mundo feliz

R: Se vem uma formação, se vem uma formação não participa porque é da escola pública. Mas a formação da escola particular não perde um dia e chega de sete horas em ponto e sai de cinco da tarde. Mas no publico, quando tem capacitação fora, num vai aí reclama, aí reclama porque ganha, porque o governo, não. Pra o que ela se propõe a fazer dentro do estado, ela está ganhando muito bem, muito bem.

I: sem contar que eu trabalhei no Colégio particular e eu sei a realidade de lá. O estado paga muito, muito melhor do o particular.

R: Com certeza. Oh é, num reclamo assim, num falo da escola não porque eu ensinei lá quatro anos. Agora que em termos de vantagem, em termo salarial, lá num existe.

D: É, com certeza. Essa é a realidade

R: Você tem uma renda a mais, pra você fazer uma coisa extra, com o salário de lá. Agora, que lhe dá condições de sobrevivência, deixa o estado pra tu vê um coisa, se tu sobrevive com o salário de lá.

D: É mesmo

R: Sobrevive uma cebola, que tu sobrevive. A escola ... tudo. Se ensina no Particular, num participa de nada do colégio porque esse é o meu horário que estou no Particular. Num considera o aluno. Se faço um projeto para viajar, vai um professor e envolve três áreas diferentes, ou três disciplinas diferentes. **Você num vai porque eu ensino na escola num sei aonde, num posso. Mas quando é para o estado, se ausenta uma semana, quinze dias e num dá satisfação e acha ruim quando a direção manda uma falta. Assim não.**

R: ...Foi na municipal, foi lá que me deu toda a estrutura de vida. Comecei no estado anos, quase dez anos depois. E foi lá que eu criei raízes, foi nas duas escolas públicas, foi nenhuma particular não. E cheguei onde cheguei, e tenho o que tenho graças a Deus e agradeço a ele cada dia por eu ter. Então eu trato bem meu aluno, eu sou responsável na minha escola, participo de tudo que tiver na escola eu estou de dentro, dou ideia, faço isso. Aí eu vejo outro, nem dá ideia não participa de porcaria nenhuma,

D: ainda critica quem faz

R: ainda tem a ousadia de criticar porque o sindicato é assim, o sindicato é assado, porque o governador é assim. Pra aquilo que se propõe a fazer o governador paga muitíssimo bem.